

Friedrich Nietzsche

Also sprach Zarathustra

José Miranda Justo

Professor Associado aposentado da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Membro do Centro
de Filosofia da Universidade de Lisboa (CFUL)

I.

Abertura

«Não se me perguntou, [mas] havia de se me ter perguntado, o que precisamente na minha boca, na boca do primeiro imoralista, significa o nome *Zaratustra*: pois aquilo que constitui a monstruo-sa singularidade desse persa na história é precisamente o contrário [*das Gegenteil*]. Zaratustra viu primeiro no combate entre o bem e o mal a própria roda na engrenagem das coisas, – a tradução da moral para o metafísico, enquanto força, causa, fim em si, é a obra *dele*. Mas esta pergunta seria no fundo já a resposta. Zaratustra *criou* este mais funesto erro, a moral: conseqüentemente tem de ser ele também o primeiro que o *reconhece*. Não apenas que neste ponto tenha [permanecido] mais longamente e [com] mais experiência do que qualquer outro pensador – a história toda ela é, de facto, a refutação experimental da tese da chamada “ordenação moral universal” –: o mais importante é que Zaratustra é mais verídico do que qualquer outro pensador. A sua doutrina, e só ela, tem a veracidade como suprema virtude – isto é o oposto da *cobardia* do “idealista”, que se põe em fuga perante a realidade [*Realität*]; Zaratustra tem mais valentia no corpo do que todos os pensadores juntos. Falar verdade e *disparar bem setas*, esta é a virtude persa. – Entende-se-me?... A auto-superação da moral por veracidade, a auto-superação do moralista no seu oposto – em *mim* [*in mich*] –, tal significa na minha boca o nome Zaratustra.» (*Ecce Homo*, KSA 6, 367)

I

O Prólogo

«O sobre-humano [de facto: sobre-homem] é o sentido da terra. Que a vossa vontade diga: *seja* o sobre-humano o sentido da terra. // Suplico-vos, meus irmãos! *Permanecei fiéis à terra* e não acrediteis naqueles que vos falam de esperanças supraterrrestres! Envenenadores, eis o que eles são, quer o saibam quer não. // Desdenhadores da vida é o que eles são [...]. // Outrora, a ofensa a Deus era o maior ultraje, mas Deus morreu, e, com ele, morreram também esses sacrílegos. Agora, o que há de mais terrível é ultrajar a terra e dar mais apreço às entranhas do inescrutável do que ao sentido da terra! // Outrora, a alma olhava com desdém para o corpo, e, então, esse desprezo era o que havia de mais elevado: a alma queria o corpo magro, repelente, esfaimado. Pensava assim escapar a este e à terra.» (trad. port. pp. 8-9; KSA 4, 14-15)

«Onde está, pois, o relâmpago [*Blitz*] que vos lamba com a sua língua? Onde está a demência [*Wahnsinn*], com a qual devíeis ser inoculados? // Vede, eu ensino-vos o sobre-homem: ele é esse relâmpago, ele é essa demência.» (trad. port. p. 10; KSA 4, 16)

«O homem é uma corda amarrada entre o animal e o sobre-homem – uma corda por cima de um abismo. Um perigoso passar para a outra banda, um perigoso ir a caminho, um perigoso olhar para trás, um perigoso estremecer e ficar parado. // O que é grande no homem é que ele é uma ponte e não um fim; aquilo de que se pode gostar no homem é que ele é uma travessia e um afundamento [*ein Übergang und ein Untergang*].» (trad. port. pp. 10-11; KSA 4, 16-17)

«Eu digo-vos: é preciso ainda ter caos dentro de si, para poder dar à luz uma estrela dançante. E digo-vos: ainda tendes caos dentro de vós. // Ah! Está a chegar o tempo em que o homem não gerará mais nenhuma estrela. Ah! Aproxima-se o tempo do homem mais desprezível, que já nem é capaz de se desprezar a si próprio. // Vede! Vou mostrar-vos o *último homem*. // [...] “Inventámos a felicidade” dizem os últimos homens, piscando os olhos. // Tem-se o seu prazerzinho para o dia e o seu prazerzinho para a noite, mas venera-se a saúde.» (trad. port. pp. 13-14; KSA 4, 19-20)

III

Parte I

«Há muita coisa pesada para o espírito, para o espírito forte, [...] pois a sua força exige o que é pesado e até pesadíssimo. // “O que há de pesado?”, assim pergunta o espírito resistente, que se ajoe-lha, tal como o camelo, e quer ser bem carregado. // [...] Todas estas coisas, do mais pesado que há, o espírito resistente as toma sobre si: tal como o camelo, que, carregado, se dirige a toda a pressa para o deserto, assim se apressa ele a caminho do seu próprio deserto. // Mas no mais ermo dos desertos ocorre a se-gunda metamorfose: aí, o espírito transforma-se em leão, quer apoderar-se da sua liberdade e ser amo e senhor do seu próprio deserto. // [...] quer lutar com o grande dragão e vencê-lo. // Qual é o grande dragão, a quem o espírito já não gosta de chamar seu senhor e seu deus? “Tu deves”, chama-se o grande dragão. Mas o espírito do leão diz: “Eu quero”. //

(cont.)

[...] Criar novos valores – isso até mesmo o leão ainda não consegue; mas criar para si a liberdade necessária a uma nova criação – isso consegue a força do leão. // [...] Por que tem ainda o leão rapinante de tornar-se uma criança? // A criança é inocência e esquecimento [*Vergessen*], um começar de novo, um jogo, uma roda que gira sobre si própria, um primeiro movimento, um sagrado dizer que sim. // Sim, meus irmãos, para o jogo da criação é preciso um sagrado dizer que sim; agora, o espírito quer o *seu próprio* querer, aquele que se perdera para o mundo conquista o *seu próprio* mundo.» (trad. port. pp. 23-25; KSA 4, 29-31)

«“Eu sou corpo e alma”, assim fala a criança. E por que não se haveria de falar como as crianças? // Mas o homem consciente, o que sabe, diz: Eu sou por inteiro corpo e nada mais; alma é apenas uma palavra que designa algo existente no corpo.” // O corpo é uma grande razão, uma multiplicidade com um só sentido [*eine Vielheit mit Einem Sinne*], uma guerra e uma paz, um rebanho e um pastor.» (trad port. p. 32; KSA 4, 39)

«Instrumento do teu corpo é também a tua pequena razão, meu irmão, a que tu chamas “espírito” [...]. // “Eu”, dizes tu, e orgulhas-te dessa palavra. Mas maior é aquilo em que não queres acreditar: o teu corpo e a sua grande razão, que não diz Eu, mas faz Eu. // [...] Instrumentos e brinquedos é o que são a mente e o espírito: atrás deles ainda se encontra o Si Próprio [*das Selbst*]. O Si Próprio procura também com os olhos dos sentidos, escuta também com os ouvidos do espírito. // [...] Por detrás dos teus pensamentos e sentimentos, meu irmão, encontra-se um poderoso amo, um sábio desconhecido, que se chama Si Próprio. É no teu corpo que ele reside, ele é o teu corpo. // [...] Não sigo o vosso caminho, ó desprezadores do corpo! Para mim não sois pontes que levem ao sobre-homem!» (trad. port. pp. 33-34; KSA 4, 39-41)

«Algures ainda há povos e greis, mas não entre nós, meus irmãos. Aqui há Estados. // Estado? Que é isso? Pois bem! Agora abri-me esses ouvidos, pois tenho uma palavra a dizer-vos acerca da morte dos povos. // Estado é como se chama o mais frio de todos os monstros frios. É também com frieza que ele mente e da sua boca sai esta mentira: “Eu, Estado, sou o povo.” // Isso é mentira! Foram criadores os que fizeram os povos e, sobre eles, suspende-ram uma fé e um amor; assim serviram a vida. // [...] Dou-vos este indício: cada povo fala a sua língua do Bem e do Mal, e esta não a entende o vizinho. Em termos de costumes e direitos, ele inventou a sua própria linguagem. // Mas o Estado mente em todas as línguas do Bem e do Mal; e diga o que disser, mente; e tenha o que tiver, roubou-o. // Nele tudo é falso. [...] // Confusão das línguas do Bem e do Mal: é este o sinal que vos dou como marca do Estado. Na verdade, este sinal indica a vontade de morrer! Na verdade, ele acena aos pregadores da morte! // Nascem demasiados seres humanos: é para os supérfluos que foi inventado o Estado. // [...] Só onde acaba o Estado começa o homem que não é supérfluo: aí começa o canto do necessário, a melodia única e insubstituível. // Onde *acaba* o Estado – pois olhai para lá, meus irmãos! Não vedes o arco-íris e as pontes do sobre-homem?» (trad. port. pp. 49-51; KSA 4, 61-64)

«Muitos países e muitos povos viu Zaratustra: descobriu assim o Bem e o Mal de muitos povos. Zaratustra não encontrou no mundo nenhum poder maior que o Bem e o Mal. // Nenhum povo poderia viver se não começasse por estimar [*schätzen* – apreciar, avaliar]; mas se um povo se quiser manter [*sich erhalten* – conservar-se], então não pode avaliar [*schätzen*] como avalia o vizinho. // [...] Uma tábua de valores está suspensa por cima de cada povo. Vede! É a tábua das suas vitórias sobre si próprio, é a voz da sua vontade de poder. // Louvável é aquilo que lhe parece difícil; o que ele considera indispensável e difícil chama-se Bem [...].» (trad. port. p. 59; KSA 4, 74)

«Antes de tudo, o homem atribuiu valores às coisas, a fim de se manter – começou por criar um sentido para as coisas, um sentido humano! Por isso, ele se chama “homem”, isto é, aquele que avalia. // Avaliar é criar. Escutai isto, ó criadores! O próprio acto de avaliar é que constitui o tesouro e a jóia de todas as coisas avaliadas. // Só mediante o avaliar é que há valor, e, sem a avaliação, a noz da existência [*die Nuss des Daseins*] seria oca. [...] // Mudança dos valores [*Wandel der Werthe*]... isso é mudança dos criadores [*Wandel der Schaffenden*]. Quem tenha de ser criador sempre destrói. // Os criadores foram, primeiramente, os povos e, só mais tarde, os indivíduos. Na verdade, o próprio indivíduo é ainda a criação mais recente. // [...] O gosto pela grei é mais antigo que o gosto pelo Eu; e, enquanto a boa consciência se identifica com a grei, só a má consciência é que diz: Eu. // Na verdade, o Eu astuto, inclemente, que procura o seu proveito no proveito de muita gente, não é a origem da grei, mas sim a sua perda. // Foram sempre espíritos amorosos e produtivos que criaram o Bem e o Mal. Nos nomes de todas as virtudes ardem o fogo do amor e o fogo da ira.» (trad. port. 60-61; KSA 4, 75-76)

«A suprema virtude é invulgar [*ungemein*] e inútil [*unnützlich*], é brilhante e suave na sua refulgência: a suprema virtude é uma virtude que oferece.» (trad. port. p. 78; KSA 4, 97)

«É para o alto que voa a nossa mente [*Sinn*]: ela é, portanto uma metáfora do nosso corpo [*ein Gleichniss unseres Leibes*], a metáfora de uma elevação. Os nomes das virtudes são metáforas de semelhantes elevações. // [...] Todos os nomes do Bem e do Mal são metáforas: não enunciam, apenas acenam [*sie sprechen nicht aus, sie winken nur*]. Tolo é quem quiser tirar deles saber! // Dai atenção, meus irmãos, a todos os momentos em que o vosso espírito queira falar por metáforas [*wo euer Geist in Gleichnissen reden will*]: aí está a origem da vossa virtude.» (trad. port. p. 79; KSA 4, 98-99)

«E, ainda uma outra vez [depois de um novo regresso de Zarathustra], haveis de tornar-vos meus amigos e filhos de uma única esperança: então, estarei pela terceira vez junto de vós, de modo a festejar convosco o Grande Meio-Dia [*den grossen Mittag*]. // E o Grande Meio-Dia é quando o homem está a meio do seu trajecto entre o animal e o sobre-homem e exalta como a sua maior esperança o seu caminho para o anoitecer, pois é esse o caminho para uma nova manhã. // [...]

“Todos os deuses morreram; agora queremos que viva o sobre-homem”; que seja, um dia, esta a nossa última vontade no Grande Meio-Dia!» (trad. port. pp. 82-83; KSA 4, 101-102)

IV

Parte II

«Vós, que sois os mais sábios, chamais “vontade de achar a verdade [*Wille zur Wahrheit*]” ao que vos move e vos enche de fervor? // Vontade de tornar concebível tudo o que existe [*Wille zur Denkbarkeit alles Seienden*]: é assim que eu chamo à vossa vontade! // Quereis, primeiramente, tornar concebível [*denkbar machen*] tudo o que existe [*alles Seiende*], pois duvidais, com boa desconfiança, de que já seja concebível. // Mas tudo há-de sujeitar-se e vergar-se perante vós! Assim o quer a vossa vontade. Tudo se deve tornar liso e submisso ao espírito, como seu espelho e reflexo. // [...] Naturalmente, os não sábios, o povo, esses são semelhantes ao rio, no qual um bote vai flutuando; e no bote estão sentados, solenes e embuçados, os juízos de valor [*Werthschätzungen*]. // Colocastes a vossa vontade e os vossos valores no rio do devir, e aquilo que é tido pelo povo como Bem e Mal revela-me uma antiga vontade de poder. // [...] Não é o rio que constitui o vosso perigo e o fim do vosso Bem e Mal, ó grandes sábios, mas sim aquela própria vontade, a vontade de poder – a inexausta vontade geradora da vida [*der unerschöpfte zeugende Lebens-Wille* – a inexaurida, geradora, vontade da vida].» (trad. port. pp. 122-123; KSA, 146-147)

«Onde encontrei vida, encontrei vontade de poder; e até na vontade de quem serve encontrei a vontade de ser amo. // [...] E este segredo foi a própria vida que mo disse: “Olha”, disse ela, “eu sou aquilo *que se tem sempre de superar a si mesmo.*” // [...] E tu também, homem de saber, és apenas uma vereda e um rasto da minha vontade: em verdade, a minha vontade de poder caminha também pelos pés da tua vontade de descobrir a verdade! // Não atingiu certamente a verdade aquele que disparou contra ela a fórmula da “vontade de existir”: não há tal vontade! // Pois o que não existe não pode querer; o que tem existência, porém, como poderia ainda querer a existência? // Só onde haja vida, há também vontade: mas não vontade de viver, antes – é o que eu te ensino – vontade de poder! // [...] Em verdade vos digo: um Bem e Mal que seja imperecível [*unvergänglich*], isso não existe! Por si próprio, tem constantemente de se superar. // [...] a partir dos vossos valores, desenvolvem-se um poder mais forte e uma nova superação [...]. // E quem deva ser criador em termos de Bem e de Mal, em verdade, tem de ser, primeiramente, aniquilador e destroçador de valores.» (trad. port. pp. 125-126; KSA 4, 147-149)

«Em verdade, meus amigos, eu caminho por entre os homens como por entre fragmentos e membros soltos de seres humanos! // O que é terrível, a meus olhos, é que eu encontro o homem despedaçado e espalhado, como que através de um campo de batalha e de carnificina. // E se o meu olhar fugir do agora para o outrora, encontra sempre o mesmo: fragmentos, membros e acasos atrozes... mas não seres humanos! // O agora e o outrora deste mundo... Ah! Meus amigos, isso é *para mim* o que há de mais insuportável! E eu não seria capaz de viver, se não fosse também um vidente [*ein Seher*] daquilo que há-de vir. // Um vidente, um querente [*ein Wollender*], um criador, um futuro, por si próprio [*eine Zukunft selber*], e uma ponte para o futuro... e, infelizmente, também de certo modo um aleijado junto desta ponte: tudo isso é Zaratustra. // [...] Caminho por entre os homens como por entre os fragmentos do futuro: daquele futuro que eu vejo. // E todo o meu interesse consiste em juntar e reunir num todo aquilo que é fragmento, enigma e acaso atroz.» (trad. port. pp. 152-153; KSA 4, 178-179)

«E como suportaria eu ser homem, se o ser humano não fosse também poeta, decifrador de enigmas e redentor do acaso? // Redimir os que viveram no passado e transformar todo o “aconteceu” num “eu assim o quis” – isso é que seria para mim redenção! // Vontade – assim se chama a que liberta, a que dá alegria: foi isso que vos ensinei, meus amigos! Mas agora aprendei mais isto: a própria vontade ainda é uma cativa. // Querer liberta; mas como se chama aquilo que até põe a ferros a própria libertadora? // “Aconteceu” – assim se chama o ranger de dentes da vontade e a sua mais solitária melancolia. Impotente perante o que foi feito, ela é uma espectadora malévola [*böser Zuschauer* – espectadora zangada] de tudo quanto é passado. // [...] Eu afastei-vos dessas fábulas [fábulas da demência], quando vos ensinei: “A vontade é criadora”. // Todo o “aconteceu” é um fragmento, um enigma, um acaso atroz – até que a vontade criadora diga a esse respeito: “Mas foi assim que eu o quis!” Até que a vontade criadora diga a esse respeito: “Mas é assim que eu o quero! E assim o quererei!”» (trad. port. pp. 153-155; KSA 4, 179-181)

V

Parte III

«Para cima: a despeito do espírito que o puxava [puxava o pé] para baixo, que o puxava para o abismo; a despeito do espírito da gravidade, do meu demónio e inimigo figadal. // Para cima: embora ele estivesse sentado em cima de mim, meio anão, meio toupeira, tolhido e tolhendo, instilando-me, pelo ouvido, chumbo no cérebro, pensamentos que eram gotas de chumbo. // “Ó Zaratustra”, murmurou ele, sarcástico, sílaba por sílaba, “pedra da sabedoria! Atiraste-te para o alto, mas toda a pedra que é atirada tem de cair. // [...] Condenado a ti próprio e à tua própria lapidação, ó Zaratustra, é certo que atiraste longe a pedra... mas é sobre *ti* que ela tornará a cair!”» (trad. port. pp. 171-172; KSA 4, 198)

«“Olha este portal, anão!”, prossegui eu. “Tem duas caras. Juntam-se aqui dois caminhos, que nunca ninguém percorreu até ao fim. // Esta longa azinhaga, que vai para trás, dura uma eternidade. E aquela longa azinhaga a partir daqui... é outra eternidade. // Esses caminhos contradizem-se, entrechocam-se de cabeça... E é aqui, neste portal, que eles se juntam. O nome do portal está inscrito lá por cima: ‘Instante’. // Mas se alguém continuasse a percorrer um deles e fosse cada vez mais adiante e cada vez mais longe... julgas tu, anão, que esses caminhos se contradiriam eternamente?” // “Tudo quanto seja direito é mentira”, murmurou com desprezo o anão. “Toda a verdade é curva, o próprio tempo é um círculo.” // “Ó espírito da gravidade”, disse eu, encolerizando-me, “não tornes as coisas demasiado fáceis para ti! [...] //

(continua)

(cont.)

Olha - continuei eu - este instante! A partir deste portal, o Instante, há uma longa, uma eterna azinhaga que vai *para trás*: atrás de nós, encontra-se uma eternidade. // Não deve necessariamente tudo aquilo que *pode* andar ter já andado uma vez por esta azinhaga? Não deve necessariamente tudo quanto *pode* acontecer ter já uma vez acontecido, ter sido feito, ter passado? // E se tudo já existiu, que pensas tu, anão, deste instante? Este portal não deve também ter já existido? // E não estão todas as coisas tão firmemente enlaçadas que este instante traz consigo *todas* as coisas vindouras? *Portanto...* até ele próprio? // Pois tudo aquilo que *pode* andar *deve* necessariamente andar mais uma vez... também por esta longa azinhaga *fora.*» (trad. port. pp. 173-174; KSA 4, 199-200)

«Pois os teus animais bem sabem, ó Zaratustra, quem tu és e deves vir a ser: olha, és o *mestre do Eterno Retorno* – é esse, agora, o teu destino! // [...] Olha, nós sabemos o que tu ensinas: que todas as coisas regressam eternamente e nós próprios com elas, e que já existimos vezes infinitas, e todas as coisas conosco. // [...] E se, agora, quisesses morrer, ó Zaratustra, pois também sabemos o que dirias para contigo... [...] // [...] “Agora, morro e desapareço”, dirias tu, “e, num ápice, serei um nada. As almas são tão mortais como os corpos. Mas o nó de causas [*der Knoten von Ursachen*], no qual estou enleado, regressa... e tornará a criar-me! Eu próprio faço parte das causas do Eterno Retorno. // Regressarei, com este Sol, com esta Terra, com esta água, com esta serpente – não a uma vida nova, nem a uma vida melhor, nem a uma vida semelhante: regressarei eternamente a esta mesma e idêntica vida, no que ela tem de mais grandioso e também de mais ínfimo, para voltar a ensinar o Eterno Retorno de todas as coisas, para voltar a falar do Grande Meio-Dia da Terra e do Homem, para voltar a anunciar aos homens o sobre-homem.» (trad. port. pp. 247-248; KSA 4, 275-276)

VI

Parte IV

**«O leão veio, os meus filhos estão perto,
Zaratustra amadureceu, a minha hora chegou.
// Eis a *minha* manhã, o *meu* dia começa: *para*
o alto, agora, para o alto, ó Grande Meio-Dia!»
(trad. port. p. 367; KSA 4, 408)**

«Vós apenas sois pontes: assim outros, mais eminentes, possam atravessar, caminhando por cima de vós! Vós simbolizais degraus: portanto, não vos zangueis com aquele que, passando por cima de vós, sobe até à *sua própria* altura! // Da vossa semente pode, um dia, surgir, até para mim, um verdadeiro filho e um perfeito herdeiro, mas isso ainda está longe. E vós próprios não sois aqueles a quem a minha herança e o meu nome pertencem. // Não é por vós que eu espero aqui, nestas montanhas; não é convosco que posso descer pela última vez. Viestes ter comigo apenas como prenúncio de que outros, mais eminentes, estão já a caminho para virem ao meu encontro – *não* os homens do grande anseio, do grande asco, do grande enfado, nem o que chamais o resto de Deus. // Não! Não! Três vezes não! É por *outros* que eu espero aqui, nestas montanhas, e não levantarei um pé, para me ir embora sem eles. São outros, mais elevados, mais fortes, mais triunfantes, mais joviais, aqueles que, de corpo e alma, são talhados a direito: são *leões ridentes*, que têm de aparecer!» (trad. port. p. 316; KSA 4, 351)

VII

Sobre estilo, literatura e filosofia no *Zarathustra*

«De caminho, digo ainda uma palavra sobre a minha *arte do estilo*. *Comunicar* um estado, uma tensão interior de *pathos* por via de sinais, incluindo o *tempo* destes sinais – este é o sentido de todo o estilo; e, tendo em vista que a diversidade de estados interiores em mim é extraordinária, há em mim muitas possibilidades do estilo – a mais múltiplice arte do estilo em geral de que jamais um homem dispôs.» (KSA 6, 304)